

## **CONTORNOS DO CELIBATO NO ESPAÇO RURAL: SOLTEIRÕES DO SUL DO BRASIL**

Cassiane da Costa<sup>1</sup>

### **Resumo**

Nas últimas décadas a população rural vem mostrando desequilíbrios demográficos em vários territórios rurais. O celibato masculino intensifica-se em algumas regiões, relacionado à seletividade jovem e feminina do êxodo rural, e passa a chamar a atenção de pesquisadores em países como França, Espanha e Brasil. A figura do “solteirão”, que se dissemina, instiga a reflexão sobre questões como as possíveis consequências do celibato para a sucessão dos estabelecimentos rurais, principalmente os familiares. Este artigo se propõe a apresentar o estado da arte dos estudos sobre o celibato rural masculino, discutindo as características do fenômeno no Sul do Brasil, especificadamente nos Estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. Para tanto, utiliza revisão bibliográfica e sistematização de alguns dados secundários. No RS e em SC, estados em que a agricultura familiar tem relevante importância social e econômica, o celibato masculino se apresenta de forma pronunciada em algumas regiões. Desta forma, torna-se imprescindível discutir esta temática.

**Palavras-chave:** agricultura familiar, celibato masculino; solteirões

## **CONTOURS OF CELIBATE IN RURAL SPACE: BACHELORS OF SOUTHERN BRAZIL**

### **Summary**

In recent decades the rural population has shown demographic imbalances in many rural areas. The male celibacy intensifies in some regions, related to the selectivity young female rural exodus, and passes to draw the attention of researchers in countries like

---

<sup>1</sup> Mestre em Extensão Rural pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), RS, Brasil. E-mail: cassi.csm@hotmail.com

France, Spain and Brazil. The bachelors figure which spreads, encourages reflection on issues such as the possible consequences of celibate for the succession of farms, especially in family farming. This article aims to present the state of the art of studies on rural male celibacy, discussing the characteristics of the phenomenon in southern Brazil, specifically the states of Rio Grande do Sul and Santa Catarina. We also use literature review and systematization of some secondary data. In RS and SC, states that the family farm has significant social and economic importance, male celibacy presents itself pronounced in some regions. Thus, it is essential to discuss this issue.

**Key-words:** bachelor, family farming, male celibacy

## 1. INTRODUÇÃO

Os desequilíbrios demográficos constituem uma ameaça à sustentabilidade social de contextos rurais em diversos países. A preocupação que surgiu no continente europeu atinge várias partes do Planeta, como o sul do Brasil. Embora o desenvolvimento sustentável seja almejado e reconhecido nos projetos de desenvolvimento rural, contraditoriamente, o eixo social da sustentabilidade ainda é pouco trabalhado. A sustentabilidade social precisa ser construída em áreas rurais e, neste sentido, o trabalho de Camarero et al (2009) aponta os desequilíbrios demográficos como uma das principais ameaças a ser enfrentada. Dentro da matriz dos desequilíbrios demográficos no espaço rural, contemporaneamente, ganham importância temas inter-relacionados como a seletividade jovem e feminina do êxodo rural, o envelhecimento populacional, a masculinização da população e o celibato masculino.

No caso brasileiro, uma intensa desruralização da população foi desencadeada na segunda metade do século XX, principalmente animada pela industrialização do país e pela modernização da agricultura<sup>1</sup>. O trabalho de Camarano e Abramovay (1999) apresenta elementos interessantes sobre o histórico do êxodo rural brasileiro entre as décadas de 1950 e 1990. Este processo, em muitos locais, perdeu paulatinamente a característica de remeter as famílias inteiras às cidades. Estruturase, ao longo deste período, o êxodo seletivo de jovens e mulheres. O

---

<sup>1</sup> Processo de integração técnica-agricultura-indústria, em que a indústria se aproxima do rural, seja pela utilização massiva de maquinários e insumos industriais para o aumento da produtividade no campo ou pela aproximação entre produção primária e vários ramos industriais (DELGADO, 2001).

êxodo feminino, neste período, somente não superou o masculino na década de 1960 (CAMARANO; ABRAMOVAY, 1999). Como consequências deste processo, o espaço rural não sofreu um esvaziamento total, mas em muitos locais, tem seu tecido social marcado pela masculinização e pelo envelhecimento, fenômenos agravados pela diminuição da taxa de fecundidade e da renovação da força de trabalho.

O envelhecimento da população é umas das consequências do êxodo dos jovens e da queda da fecundidade no rural. Para ilustrar a forte diminuição da taxa de fecundidade rural no Brasil nas últimas décadas, pode-se pontuar que a taxa de fecundidade do RS em 1962 era de 5,62, passando para 2,62 em 1995 entre mulheres de 15 a 44 anos (BRUMER, 2002). Em 2010, a taxa de fecundidade da população rural da Região Sul do Brasil<sup>1</sup> é de 2,2, a menor do Brasil (CENSO DEMOGRÁFICO 2010). A população rural, por meio deste fenômeno tem a sua taxa de dependência aumentada, pois se entende que a população idosa depende da população em idade ativa. Como há uma tendência de sobrevivência feminina, ligada a maiores fatores de risco e incidência de certas doenças em homens, conforme Goldani (1999), seria esperado que existissem mais mulheres do que homens entre a população idosa rural. Entretanto, alguns locais do Brasil mostram uma realidade diferente, inclusive neste grupo de idade é possível se encontrar, em certos lugares, os maiores índices de sobreposição masculina (COSTA, 2010; BERCOVICH, 1993).

A masculinização rural<sup>2</sup> é outra das consequências da seletividade feminina e jovem do êxodo rural nas últimas décadas. Existem várias possíveis explicações para esta seletividade: as características do patriarcado no espaço rural, interferindo no reconhecimento da mulher nestes espaços, como mostrado no caso espanhol, por Camarero et al (2009), e no brasileiro, por Giron (2008), Buto e Hora (2008) e Magalhães (2009); as características do trabalho desenvolvido pelas mulheres, em torno do lar, do cuidado da família e da produção para subsistência, trabalho reprodutivo, e da interferência da modernização da agricultura sobre esta questão (BRUMER, 2004, PANZUTTI, 2006); o maior nível de estudo das moças (CAMARANO; ABRAMOVAY, 1999; SIQUEIRA, 2004); o desapego das jovens à vida rural e aos parceiros rurais, como

---

<sup>1</sup> Região formada pelos Estados Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná.

<sup>2</sup> “Cuando hablamos de masculinización rural nos referimos a un desequilibrio demográfico que se concreta en un déficit de mujeres respecto a la proporción que naturalmente debiera existir entre los dos sexos o razón biológica” (CAMARERO et al., 2009, p.50).

trabalhado na experiência francesa (BOURDIEU, 2002), ou na realidade de Santa Catarina, por Strapasolas (2004). Também são aspectos importante a divisão desigual da herança e acesso à terra no Sul do Brasil (PAULILO, 2004; BRUMER, 2004); e a necessidade de trabalho demandada pelos principais sistemas produtivos das regiões (COSTA, 2010). Os aspectos identitários, em relação à desvalorização de ser agricultora e de ser rural, conforme abordagens de Champagne (1986), Sampedro Gallego (1996) e Cruz Souza (2006), conformam uma linha promissora de investigação <sup>1</sup>.

No Brasil, nas últimas décadas, existe uma tendência de migração de mulheres de localidades rurais para as cidades, havendo uma concentração feminina principalmente em torno dos grandes centros urbanos. Esta “fuga feminina” para os centros urbanos, para utilizar o termo de Bourdieu (2002), provoca a intensificação do celibato rural masculino<sup>2</sup>. O termo celibato é utilizado aqui em referência à ausência da constituição de uma família própria por parte de homens adultos, ou seja, a constituição de uma relação estável com um par, ou matrimônio. No Rio Grande do Sul, os celibatários rurais são popularmente conhecidos como “solteirões”, termo que será utilizado neste trabalho, já que é uma definição da própria população rural.

Este fenômeno social é importante no contexto da agricultura familiar<sup>3</sup>, já que a sucessão nos estabelecimentos agropecuários é dada de pais para filhos e filhas. “(...) a reprodução dos agricultores depende de sua vontade de se reproduzir e do desejo de seus filhos de se tornar, por sua vez, agricultores” (CHAMPAGNE, 1986, p.05). Assim, a formação de novas famílias tem papel central nesta realidade, sendo que o fenômeno celibato masculino pode, devido à sua intensidade, prejudicar a reprodução social desta categoria em algumas regiões.

---

<sup>1</sup>Neste texto priorizam-se os estudos que abordam diretamente o celibato rural masculino. Existe, entretanto, uma extensa bibliografia sobre juventude rural no sul do Brasil que aborda a sucessão nos estabelecimentos agropecuários. Destaca-se, neste sentido, e recomenda-se a leitura de Silvestro (2001), Strapasolas (2004), Siqueira (2004), Costa (2006) e Spanevello (2008).

<sup>2</sup> Rodrigues (1991, p.11) trabalha o celibato “enquanto uma prática camponesa realizada em um espaço/tempo específicos”. A autora se refere ao celibatário como “aquele que não gerou matrimônio, nem descendência própria” (RODRIGUES, 1991, p.82).

<sup>3</sup> Conforme Abramovay (1997, p.03), “agricultura familiar é aquela em que a gestão, a propriedade e a maior parte do trabalho vêm de indivíduos que mantêm entre si laços de sangue ou casamento”.

Partindo deste contexto, o objetivo deste artigo foi apresentar o estado da arte dos estudos sobre o celibato rural masculino, discutindo as características do fenômeno no Sul do Brasil, especificadamente nos Estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina.

Para alcançar o objetivo do trabalho, utilizou-se a pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental. Foram pesquisados estudos sobre celibato rural masculino, principalmente aqueles que trabalharam os contextos de RS e de SC. Também se trabalhou com a análise dois filmes sobre a temática. Ainda foi realizada a sistematização de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), referentes ao Censo Demográfico 2010.

## **2. UMA MENÇÃO AOS ESTUDOS SOBRE O CELIBATO LAICO NO ESPAÇO RURAL**

O texto *Amor e celibato no universo camponês*, de Wootmann e Woortmann (1990) mostra como são distintas as formas de tratar o celibato e o casamento nas sociedades camponesas de diferentes países. Na Inglaterra, por exemplo, o solteiro era desprestigiado, diferentemente do caso de Portugal, em que o casamento era desvalorizado. Desta forma, em Portugal eram característicos a alta proporção de solteirões e solteironas rurais, o casamento tardio, e o celibato pós-marital, já que as viúvas não costumavam se casar novamente (WOORTMANN; WOORTMANN, 1990). Considerando estas especificidades, na sequência serão trabalhados alguns aspectos do celibato rural masculino em contextos da França, Espanha, Sicília e Brasil.

A pesquisa realizada na França por Bourdieu, na década de 1960, é o estudo pioneiro sobre o celibato rural masculino. A obra *El baile de los solteros* reúne três artigos de Bourdieu, *Célibat et condition paysanne*, publicado em 1962, e tomado como referência sobre o tema, *Les stratégies matrimoniales dans le système de reproduction* e *La dimension symbolique de la domination économique*, 1972. Estes três trabalhos abordam o celibato camponês, sendo que houve um enriquecimento teórico nas explicações do fenômeno social.

O baile foi uma representação simbólica, escolhida pelo autor, para mostrar o celibato rural masculino. A famosa cena descrita no livro menciona um baile rural em Béarn, quando os casais dançam, enquanto homens com cerca de trinta anos e roupa fora da moda, observam o movimento, estes são os solteirões, “incasáveis” na descrição do autor. Eles não dançavam, apenas

quando alguma moça vizinha fazia o convite por consideração, neste caso a dança seria desajeitada. Chama a atenção o fato de Bourdieu (2002) mencionar que os solteirões sabem que não vão dançar, e sabem que são “incasáveis”. Ele também trabalha, de forma reforçada, a *hexis* corporal do camponês, partindo da percepção dos entrevistados, eles seriam “desajeitados”, “pesados” ao caminhar e vestidos com roupas simples. As mulheres, sensíveis ao padrão urbano, avaliariam negativamente estes aspectos. O homem, por sua vez, interiorizava este esteriótipo, percebendo seu corpo como “acampesinado”. Ele então tenderia à introversão, negando-se a bailar, por medo de se expor ao ridículo (BOURDIEU, 2002). O baile dos solteiros era o cenário de um choque de civilizações entre o campo e a cidade, sobre o qual os valores e os costumes urbanos avançavam. Sendo assim, os rapazes da cidade tinham a preferência feminina. “El baile es, en efecto, la forma visible de la nueva lógica del mercado matrimonial” (BOURDIEU, 2002, p.229).

No contexto da primeira metade do século XX, em *Béarn* não havia grande circulação de dinheiro e a manutenção do patrimônio da família era considerada importante para os camponeses. Desta forma, o filho primogênito herdava a terra, com a incumbência de dar continuidade à linhagem da família. Os outros recebiam dotes para deixar a terra. O matrimônio tinha como principal função, na realidade francesa da época, a garantia da conservação do patrimônio da família, assim as famílias estavam muito envolvidas nas estratégias matrimoniais, por vezes, escolhendo os “candidatos”. O celibato, neste contexto poderia significar uma estratégia familiar, para retenção de mão-de-obra e terra, ou diminuição de gastos. Desta forma, alguns filhos eram destinados ao celibato, e aceitavam esta condição (BOURDIEU, 2002).

Naquela realidade era muito forte a exigência da relação entre a mulher e a honra. Assim, uma boa moça para contrair matrimônio deveria ser feminina e pura, o que dava *status* para a família que a recebia. A mulher era um bem simbólico, que aportava produção e reprodução do capital social e simbólico da família. O mercado dos bens simbólicos era dominado pela visão masculina (BOURDIEU, 2000). A mulher poderia, ao contrário do homem, fazer um matrimônio de “baixo para cima”, com homens dos “pueblos”, ou dos “caseríos”. Esta seria uma forma de “subir na vida” (BOURDIEU, 2002).

A alta inflação no período após a Segunda Guerra Mundial comprometeu o pagamento do dote no casamento camponês. Também acontece uma transformação dos valores. Em muitos

casos, diminui a autoridade dos pais, que era baseada na ameaça de deserdar, frente à educação e às novas ideias. De 1911 a 1954 acontece o processo de urbanização na França, Bourdieu entende que a mudança no sistema matrimonial rural pode estar relacionada a uma mudança da sociedade, em torno da oposição “pueblo-caserío”, sendo que o pueblo teria o monopólio das funções urbanas. Enquanto o primeiro se urbanizava, os segundo se “acampesinava”. As mulheres, menos apegadas ao rural e, portanto, mais abertas aos modelos culturais urbanos, mostravam-se mais aptas a escolher a vida urbana, desclassificando paulatinamente os homens rurais como possíveis parceiros a partir da unificação dos mercados dos bens simbólicos, reflexo da globalização e da modernização. Em muitas regiões rurais, as moças passaram a ser socializadas para a valorização do estudo e, assim, preparadas para o trabalho e a vida urbanas. O mercado matrimonial rural que era fechado em torno da sociedade camponesa, “abre-se” (BOURDIEU, 2002).

Bourdieu entendia que, a partir do conhecimento parcial da cidade, a moça camponesa relacionava à vida urbana signos que, para ela, representavam a liberdade, como roupas e penteados. Assim, ela se fascinava por este mundo, vendo apenas os seus aspectos positivos e reproduzia o que conhecia da aparência da mulher urbana. A moça camponesa já não queria mais casar com “um bom filho de camponês”. Nem os camponeses com propriedades modernizadas conseguiam atrair as jovens. As moças são mais sensíveis aos atrativos urbanos, menos preocupadas com o futuro da propriedade, menos apegadas à vida camponesa, menos comprometidas com o trabalho, com maior nível de educação, desqualificam as virtudes e os valores camponeses (BOURDIEU, 2002).

O próprio grupo de camponeses parecia conspirar contra si, pois reclamava do êxodo rural e do celibato, mas contribuía com ele, enviando as filhas moças para o casamento urbano. O sistema de ensino era percebido pelo autor como principal instrumento de dominação simbólica urbana, que conquista novo mercado para seus bens simbólicos. Os valores da escola aceleravam a renúncia dos valores da tradição. A escolarização reforçava o celibato. Os filhos de camponeses ao longo dos anos adquiriam o caráter de estudantes, afastando-se da sociedade camponesa. Quem estudava mais, tinha maior tendência de emigrar, e os camponeses ofereciam estudo principalmente às moças (BOURDIEU, 2002). São mencionados dois possíveis caminhos para o problema, a desmoralização, que provoca a debandada, por meio das fugas individuais; ou a mobilização dos camponeses para a construção de

uma alternativa coletiva (BOURDIEU, 2002).

O autor trabalha com a abertura objetiva e subjetiva do universo camponês. Esta abertura do local que era demarcado pelo “particularismo cultural” e pelo “localcentrismo” teria vindo acompanhada da quebra da resistência aos valores centrais e da sua autonomia. A unificação do mercado e dos bens econômicos e simbólicos teria prejudicado a manutenção dos valores camponeses. A dependência tornou-se profunda. A pequena agricultura dependia dos bens da indústria para se modernizar, e dos empréstimos; tendiam também a se especializar, dependiam do mercado e dos preços. Esta subordinação à lógica do mercado, aliada à unificação do mercado dos bens simbólicos, contribuiu para processos, como o êxodo massivo. Esta unificação impactou sobre a autonomia ética e a capacidade de resistência do camponês (BOURDIEU, 2002).

Na verdade, Pierre Bourdieu recorre às idéias de intercâmbios simbólicos e de habitus para explicar o fenômeno do celibato rural. Ele defende que não havia regras, obrigações expostas, mas existiam habitus, socialmente arraigados, que favoreciam a reprodução social da categoria camponesa. Estes habitus funcionavam como contrapeso em relação aos efeitos da unificação dos mercados dos bens simbólicos, dominada pelas realidades urbanas. Entretanto, a “fuga feminina”, para utilizar a expressão do autor, é o sinal, da desvalorização dos valores camponeses, e de comprometimento da reprodução social camponesa, através da “unificação do mercado matrimonial”.

Observa-se claramente nesta obra de Bourdieu, que costuma ser referência para estudos sobre a temática, que o autor explica a intensificação do fenômeno no campesinato a partir da modernização agrícola e da dominação simbólica de valores urbanos. Neste contexto, o habitus camponês seria enfraquecido, principalmente entre as mulheres, que migram mais. Este trabalho traz uma explicação bastante elaborada teoricamente para o celibato. Ao utilizar o conceito de habitus, o autor atenta para características históricas da sociedade estudada, bem como a internalização desta história por cada agente social, o que reflete na configuração do celibato. O conceito de dominação simbólica, por sua vez, explica bem a relação entre o urbano e o rural no contexto de modernização agrícola e fortes câmbios sociais do espaço rural francês na década de 1960. O estudo, entretanto, carece de uma efetiva valorização da configuração das relações de gênero na explicação do celibato. Para tanto, poderia ser utilizada como aporte a própria noção de dominação simbólica, como o autor faz na obra “Dominação Masculina” (2002). Embora utilize uma abordagem



teórica que relacione aspectos estruturais e aspectos referentes à agência, os primeiros recebem maior atenção no estudo. Possivelmente as ferramentas metodológicas utilizadas contribuíram para tanto, já que entrevistas com os agentes sociais foram pouco utilizadas. Assim, o trabalho poderia ser enriquecido contemplando também a forma com que a agente sentia, atuava e construía estas mudanças, seja em relação aos homens solteiros, ou em relação às mulheres.

Na mesma época que Bourdieu pesquisa o celibato rural, Lévi-Strauss, em 1962, no livro “As estruturas elementares do parentesco” aborda o celibato em algumas passagens, como um fenômeno rejeitado e malvisto por diferentes sociedades. O autor dá vários exemplos, mostrando, inclusive, a existência em algumas sociedades, da relação entre mulher e boa alimentação. A união matrimonial seria necessária, em sociedades primitivas, e em menor nível, em sociedades rurais, em que a satisfação das necessidades econômicas dependeria desta e da divisão de trabalho entre homem e mulher. Ademais, ao circular, a mulher criaria alianças, o que sempre seria produtivo para os grupos (LÉVI-STRAUS, 1962). O celibato não recebe uma explicação elaborada nesta obra, já que é apenas citado numa abordagem estruturalista sobre o parentesco.

Na Espanha, o celibato rural masculino é pronunciado. Observa-se um percentual representativo de homens rurais adultos que continuam morando com seus pais, ou residem sozinhos (CAMARERO et al; 2009). Estes homens celibatários costumam ser mais representativos em regiões de montanha, em pueblos que estão distantes de grandes centros urbanos (SAMPEDRO GALLEGU, 1996). O rural espanhol segue marcado pelo envelhecimento e pelo esvaziamento populacional em algumas regiões<sup>1</sup>. Conforme García Sanz (2011), algumas áreas do país estão atenuando a situação de desequilíbrio populacional através de novos moradores de origem urbana, e de jovens que permanecem no espaço rural, animados pelos avanços tecnológicos disponíveis, e pelas atividades não agrícolas<sup>2</sup>. Por outro lado, Sampedro (2013)

---

<sup>1</sup> Cabe ressaltar que o conceito de rural espanhol é distinto do brasileiro, sendo que nos dois países este conceito é discutido. Na Espanha é comum utilizar a denominação rural para a população residente em municípios com menos de dois mil habitantes, urbana para a população de municípios com mais de dez mil habitantes, e “mezorrural” para os casos intermediários (DÍAS MÉNDEZ, 2006). No estudo de Camarero et al (2009) utiliza-se o limite populacional de dez mil habitantes em um município para defini-lo como rural.

<sup>2</sup> Seria interessante realizar pesquisas para observar estas questões no espaço rural de Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

mostra que os novos moradores, em algumas regiões, inclusive agravam a masculinização, quando estes são homens imigrantes que trabalham em atividades agropecuárias. Os novos moradores também não dinamizam as regiões onde os desequilíbrios populacionais são mais fortes (SAMPEDRO GALLEGU, 2013).

Neste contexto espanhol, existem iniciativas que contribuem para o repovoamento de regiões. Entre elas, podem-se citar as caravanas de mulheres, analisadas por Bodoque (2009). Estas curiosas caravanas tiveram início em 1985, quando um grupo de solteiros de Plan, um povoado espanhol na região dos Pirineos onde existiam pouquíssimas mulheres solteiras, resolveu colocar um anúncio no jornal à procura de esposas. O anúncio fez sucesso e se transformou em um grande encontro de solteiros. A caravana de mulheres chegava de vários contextos, inclusive de Madri. Este encontro aconteceu por alguns anos, resultando numa série de casamentos. Esta experiência inusitada chamou a atenção da imprensa espanhola e tem continuidade por meio de agências de caravanas de mulheres (BODOQUE, 2009).

No livro "Plan tal como fue", Fantona e Roger (1989) relatam como foi organizado o primeiro Encontro de Solteiros de Plan, bem como apresentam alguns dos casamentos resultantes deste encontro. A região de Plan é apresentada como local de relevo montanhoso, distante de grandes centros urbanos, onde as atividades agropecuárias eram importantes, principalmente a pecuária de corte, tendo serviços e meios de comunicação deficientes. Na perspectiva dos autores, o celibato masculino teria se intensificado nesta realidade a partir da industrialização na Espanha. Houve um forte êxodo rural de jovens buscando melhores condições de vida, principalmente moças. Estes jovens geralmente não tinham acesso, através da herança, a terras suficientes para permanecer na atividade agropecuária. O capital privado teria inundado as melhores terras da região. As moças passaram a não querer exercer o papel que suas mães exerciam nestes pueblos, com dupla jornada de trabalho, no campo e na casa, além da submissão à sogra. Uma das estratégias para o êxodo seria o casamento com jovens das cidades. Os solteirões que permaneceram tinham um forte apeço pelo lugar de origem, tendo uma aversão pela vida urbana. Alguns deles, apegados à família, permaneceram para atender parentes idosos e dar continuidade à unidade produtiva da família (FANTONA e ROGER, 1989).

O livro de Fantona e Roger (1989) é escrito de uma forma bastante simples, como uma narrativa das Festas de Solteiros de Plan a partir de pessoas que as vivenciaram. A sua riqueza reside na

opção de buscar nas pessoas envolvidas no celibato a explicação para este fenômeno, embora não seja feita uma análise teórica a partir dos argumentos destas pessoas. Um dos autores do livro, que também é um dos solteiros que organizou a primeira festa, dá uma interpretação interessante para ela. Esta interpretação remete à iniciativa dos próprios solteirões para combater o celibato, que percebem como um problema social:

Esta caravana, e melhor entendida por nós, Festa dos Solteiros, numa denúncia da falta de comunicação existente na região, porque a resposta foi mundial, é uma denúncia de um problema social que sofrem as localidades rurais, e que a nós coube enfrentar, mas temos a esperança que seja um começo para o Vale, na esperança que haja apoio e compreensão (FANTONA, 1989, p.114, tradução da autora).

É interessante observar que, diferentemente de Pierre Bourdieu (2002), que enfatiza a modernização agrícola, Fantona e Roger enfatizam a industrialização da Espanha na explicação do celibato rural masculino. Assim, a dificuldade de possuir terra para o trabalho, relacionada à possibilidade de conseguir trabalho urbano são fatores estruturais apontados para o êxodo jovem. Também as questões de gênero seriam importantes para a decisão das jovens de abandonarem o rural. Já a permanência dos solteirões é explicada através da valorização do modo de vida rural, e como parte de estratégias familiares para dar continuidade à produção agropecuária e apoiar os parentes idosos. Estes elementos, embora pouco trabalhados no texto, são muito interessantes, sendo que alguns aparecem em outros estudos sobre o tema.

O filme “Flores de Otro Mundo”, reconhecido filme escrito e dirigido por Icíar Bollaín em 1999, também mostra o celibato masculino no espaço rural espanhol. Contam-se histórias sobre o estranhamento inicial de mulheres de origem urbana que vão viver no espaço rural junto com homens que eram solteirões, a partir de um relacionamento amoroso iniciado em uma festa de solteiros. Mostram-se as dificuldades iniciais no convívio com a família dos homens, bem como as relações com o par, por vezes marcadas pelo machismo, e que, em alguns casos, não davam certo. Embora sejam histórias fictícias, o filme retrata no campo cinematográfico a problemática da solteirice masculina no espaço rural do país.

No contexto de uma agrovila da Sicília, Mendelzweig (2003) averiguou que o celibato tinha um valor diferenciado conforme o sexo, sendo que as mulheres solteiras eram bastante desprestigiadas e estigmatizadas na sociedade. A identidade da mulher nesta realidade estava relacionada ao papel de reprodução, ser mãe, participar da construção de uma família. Então, as mulheres solteiras, assim como as inférteis por problemas de saúde, eram tratadas como incompletas. As mulheres solteiras deveriam manter um comportamento sexual de pudor, vivendo com os pais, já que o sexo, na esfera pública, estava relacionado à procriação. O mesmo não era exigido dos homens, mais livres (MENDELZWEIG, 2003). Este trabalho prioriza as construções sociais do feminino e do masculino na abordagem do celibato, aspecto este muito importante, já que as questões de gênero estão estritamente relacionadas com o fenômeno.

No Brasil, o único estudo encontrado sobre o celibato rural masculino fora da Região Sul foi o de Rodrigues (1991). A autora pesquisou o celibato entre os camponeses de dois municípios do Espírito Santo, Venda Nova do Imigrante, de colonização italiana e católico, e Santa Maria do Jetibá, de colonização pomerana e luterano. Partindo das histórias de vida dos solteirões e solteironas, de entrevistas semiestruturadas e de observação participante, trabalha o celibato como o não-casamento ou o avesso do casamento, já que neste aspecto se sustentaria sua definição, a partir da moral cristã. Neste sentido, pontua-se a influência do cristianismo sobre noção de celibato. Na Bíblia Sagrada, conforme Rodrigues (1991), já se encontravam elementos em relação ao casamento, especialmente nos livros de Coríntios e de Matheus. O estado de solteiro seria o mais indicado para quem tem o dom da continência, mas para os que não têm, o mais indicado seria o casamento. A partir do Século II o celibato tornou-se obrigatório para os católicos que desejavam seguir a vida religiosa (RODRIGUES, 1999). O aspecto religioso não é trabalhado por nenhum outro estudo sobre o tema, sendo importante em contextos onde a religião tem forte influência sobre o comportamento das pessoas.

O solteirão no campesinato do Espírito Santo seria caracterizado por noções negativas como “sem terra”, “deserdado”, “sem casa”, “personagem desautorizada”, “reserva estrutural” e “mão-de-obra barata” (RODRIGUES, 1991). Esta representação negativa do solteirão, entretanto, não está necessariamente presente em todos os trabalhos sobre o tema. A autora tem uma abordagem bastante estruturalista da questão. Na sua percepção, a pessoa solteira não gera diretamente descendência, mas contribui com a

manutenção da estrutura familiar, já que costuma auxiliar no cuidado dos pais, dos sobrinhos, etc.

O celibatário é, antes de tudo, o “outro” na casa camponesa. Um outro infantilizado, silenciado e inviabilizado. Alteridade que confere autoridade ao herdeiro (RODRIGUES, 1991, p.74). (...) O sujeito torna-se, ou melhor, conserva-se celibatário, em decorrência de uma vontade social, à qual a sua própria vontade está submetida (e da qual participa); quem casa, assim como quem não casa, em última instância, não é o indivíduo, mas a casa paterna (RODRIGUES, 1991, p.80).

Existem outros trabalhos importantes no Brasil, que tratam diretamente do celibato rural em realidades do Rio Grande e de Santa Catarina, os quais serão abordados no próximo item.

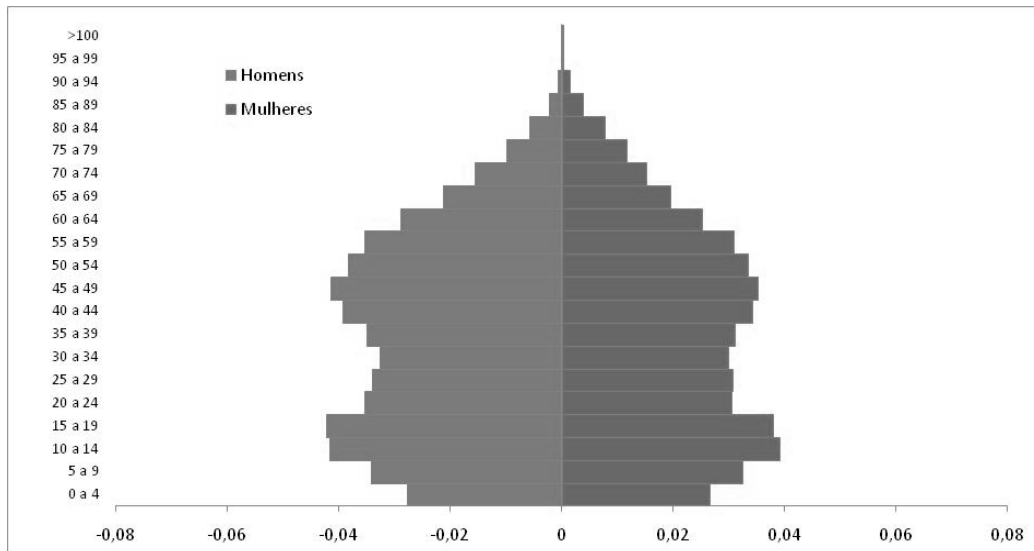
### **3. CARACTERÍSTICAS DO CELIBATO NO ESPAÇO RURAL NO SUL DO BRASIL**

As pirâmides da população rural do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina (Gráficos 01 e 02) mostram a vigência de um processo de envelhecimento. O êxodo rural da população jovem das últimas décadas provoca o estreitamento no meio das pirâmides, mais intenso no caso do RS. A diminuição do número de mulheres rurais em idade fértil, juntamente com a diminuição das taxas de fecundidade que também acontece nas últimas décadas, deixa as bases das pirâmides estreitas. Nos dois Estados, a população é levemente masculinizada até os 15 anos, quando o processo se acentua. A maioria de população passa a ser de mulheres somente depois dos 70 anos, o que está relacionado à maior longevidade das mulheres em relação aos homens. A relação chega a 118 homens por cada 100 mulheres entre a população do RS com 45 a 49 anos<sup>1</sup>. É importante destacar que estes dados gerais dos dois Estados escondem situações bem mais graves vivenciadas em algumas regiões. A relação de 184 homens para cada 100 mulheres rurais é mostrada por Mello (2006), em referência ao Oeste Catarinense. No RS, a relação chegava a 138 homens para cada 100 mulheres para

---

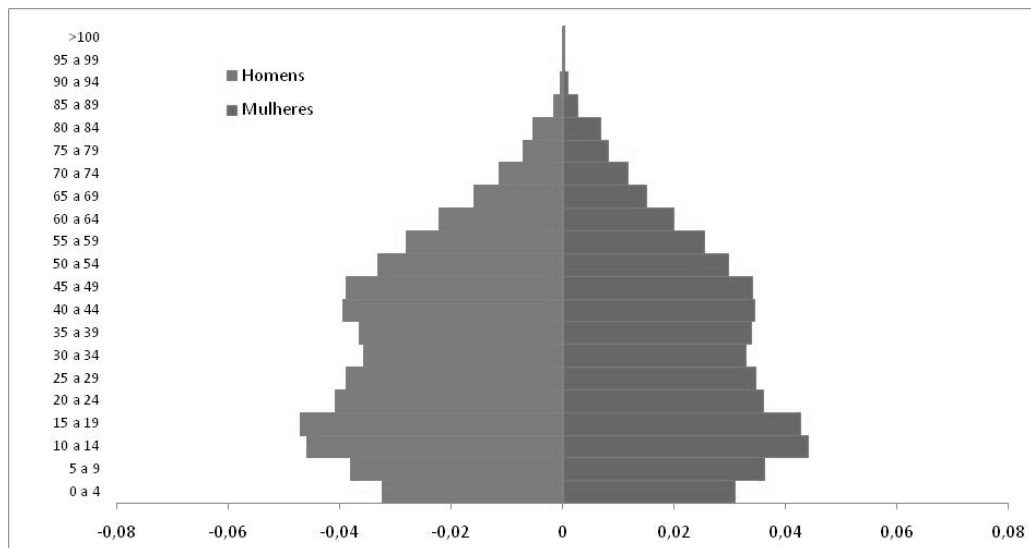
<sup>1</sup> A fonte destes dados é o Censo Demográfico 2010, sendo a sistematização realizada pela autora.

o grupo de 25 a 59 anos na Região da Campanha em 2007 (COSTA, 2010).



**Gráfico 01 - Pirâmide da população rural do Rio Grande do Sul em 2010**

Fonte: Censo Demográfico 2010, elaboração da autora.



**Gráfico 02 - Pirâmide da população rural de Santa Catarina em 2010**

Fonte: Censo Demográfico 2010, elaboração da autora.

Como pode ser visto na tabela abaixo, a população rural de RS e de SC tem um percentual representativo de solteirões e de

solteironas, sendo o dos solteirões maior<sup>1</sup>. O percentual de mulheres rurais solteiras mostra que o celibato não é apenas o resultado do êxodo seletivo feminino. No caso dos homens, esta é uma motivação importante, entretanto existem outras. É importante mencionar que estes percentuais variam dentro dos Estados, por exemplo no município de Alegrete/RS, 21,72% dos homens rurais com 40 anos ou mais são solteiros e não vivem em união<sup>2</sup>. O celibato não está presente apenas entre as pessoas do espaço rural, entretanto, pode-se observar que o percentual de solteirões é maior no espaço rural do que no espaço urbano, enquanto que o de solteironas é menor no espaço rural. São estas especificidades, juntamente à relação com a sucessão de estabelecimentos agropecuários que animam as pesquisas sobre o celibato rural.

**Tabela 1 – Percentual da população com 40 anos ou mais solteira e que não vive em União**

	Urbana		Rural	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Brasil	10,91%	14,42%	13,06%	9,41%
RS	9,45%	12,52%	12,10%	6,29%
SC	4,56%	7,50%	8,65%	5,19%

Fonte: Censo Demográfico 2010, dados da amostra, sistematização da autora.

Foram encontrados vários estudos que abordam o celibato rural masculino no contexto do Rio Grande do Sul, embora o tema seja secundário em alguns deles. Estes foram realizados por Woortmann e Woortmann (1990), Leal (1992), Lopes (2006), Marin (2008), Piccin (2012) e Costa e Marin (2013), Já no caso catarinense, destacam-se o estudo de Mello (2006), o de Strapasolas (2004) e o documentário “Celibato no Campo”. A maioria dos trabalhos refere-se ao contexto da agricultura familiar, que tem importância significativa para a dinâmica socioeconômica nos dois estados. As exceções são os trabalhos de Leal (1992) e de Piccin (2012), que se referem aos peões de fazenda solteirões. Neste contexto das fazendas, o celibato é bastante comum entre os peões no Rio Grande do Sul. Entretanto, esta situação não é totalmente

<sup>1</sup> Os dados consideram apenas as pessoas solteiras, e não as separadas, divorciadas e viúvas.

<sup>2</sup> Fonte: Censo Demográfico 2010, dados da amostra, sistematização da autora.

desvinculada da agricultura familiar, pelo contrário, já que muitos peões são filhos de agricultores familiares (PICCIN, 2012).

#### 4. SOLTEIRÕES NO RIO GRANDE DO SUL

Em 1990, Woortmann e Woortmann fazem uma abordagem do celibato na Colônia teuto-brasileira, no Rio Grande do Sul. Nesta realidade, o casamento era arranjado pelas famílias, com a forte atuação dos casamenteiros. O casamento deveria acontecer no mesmo grupo étnico, entre pessoas com posição social parecida. Caso o noivo escolhido fosse um gringo, ou um cabloco, o casamento era considerado “para baixo”. Nas décadas de 1950 e 1960 havia um esforço geral para que todos casassem, os solteirões eram somente as pessoas com deficiências físicas graves. O reconhecimento na sociedade local como adulto pleno somente chegava com o casamento e o nascimento de um filho. O casamento nesta realidade assemelhava-se a uma peça teatral, em que os noivos eram atores, com o texto escrito pela comunidade e dirigido pelos pais, sendo que os jovens deveriam sentir-se ativos no processo (WOORTMANN; WOORTMANN, . 1990).

Na Colônia teuto-brasileira, o celibato e o casamento dentro da comunidade ou com parentes eram opções para garantir a reprodução do próprio grupo social. O pai tem a função de proteção do patrimônio, devendo intervir nos casamentos dos filhos e filhas neste sentido e, quando necessário, construir o celibato de alguns deles (WOORTMANN; WOORTMANN, 1990). O celibato eclesiástico é outra forma de preservar o patrimônio. “Produzir padres é uma das especialidades dos colonos teuto-brasileiros do RS, como também dos ítalo-brasileiros do Espírito Santo” (WOORTMANN; WOORTMANN, 1990, p. 26).

A partir da década de 1950, houve uma diminuição do esforço coletivo para os casamentos, enquanto o celibato cresce e a idade média para o casamento aumenta na Colônia Teuto-brasileira. Estas mudanças estariam relacionadas ao “estrangulamento do modelo de reprodução social”, ao esgotamento da fertilidade do solo, e ao fechamento das fronteiras agrícolas. A migração, que era uma decisão familiar, passa a ser individual. O papel do sucessor passa de privilégio, à prisão. Neste cenário, é preciso conquistar o sucessor pela modernização da propriedade, ou da antecipação da passagem da autoridade a ele (WOORTMANN; WOORTMANN, 1990). Para “cativar” a possível noiva, precisa-se aparelhar a casa com eletrodomésticos e coisas do gênero, “(...) se é difícil reter o herdeiro,



ou convencer alguém a aceitar tal posição, mais difícil ainda é obter esposa” (WOORTMANN, WOORTMANN, 1990, p. 83).

Esta abordagem de Woortmann e Woortmann tem uma forte influência bourdieusiana. Observa-se que a década de 1950 é colocada como um marco divisor na explicação do celibato, a partir de quando a dificuldade para acesso à terra é destacada. Antes deste marco, o celibato na Colônia teuto-brasileira é tratado como resultado de imposições estruturais, e depois dele, é tratado como resultado da iniciativa individual. Nesta radicalização, os autores dão pouco valor à agência no primeiro período, e a valorizam de forma excessiva no segundo. Assim, entende-se que, no primeiro período, embora as vidas dos jovens e das jovens fossem bastante influenciadas por estratégias familiares, onde a figura do pai tinha muito poder, eles tinham certo espaço para iniciativas próprias. Neste sentido, alguns pontos como a comparação de noivos com atores, e a construção do celibato pelo pai parecem muito fortes. Da mesma forma, entende-se que, após 1950, a decisão da migração de jovens à cidade continua sendo influenciada pela família e outras instituições, como a escola, então não pode ser considerada completamente individual.

O trabalho de Marin (2008) intitulado “Homens solteiros na agricultura familiar” também segue a orientação bourdieusiana. Ele analisou as motivações da intensificação do êxodo rural feminino nas últimas décadas e a consequente masculinização da população rural, no contexto da Quarta Colônia Italiana de Silveira Martins, no RS. O autor defende a relação entre a modernização da agricultura, o fechamento das fronteiras agrícolas e o celibato rural masculino. Nesta configuração, conforme Marin (2008), os rapazes são mais apegados à terra e ao trabalho na agricultura. Desta forma, eles dedicam-se menos ao estudo, e optam pela permanência no espaço rural da Quarta Colônia, como agricultores familiares, em proporção maior do que a das moças. O resultado é a intensificação da masculinização da população rural da região (MARIN, 2008). Neste trabalho entrevistam-se mulheres de origem rural que foram para a cidade, esta é uma abordagem interessante, que poderia ter sido enriquecida com entrevistas a homens solteiros. Embora trate dos estudos como motivação para o êxodo das jovens, a modernização agrícola e a dificuldade de acesso à terra são apontados como os principais determinantes. A permanência dos homens no espaço rural é explicada através de uma questão identitária, de apego à terra e à agricultura, que poderia ter sido mais trabalhada no texto.

Em Putinga/RS, que também é um município de colonização italiana, Lopes (2006) realizou uma pesquisa sobre a

reprodução social nas unidades produtivas familiares dirigidas por solteirões. Entre os seus resultados está o fato de que nas propriedades de solteirões a produção não era diversificada, diferentemente das propriedades de casais. A mulher na propriedade, seja esposa ou irmã do agricultor, tinha importante papel na produção de alimentos para o autoconsumo. A contratação de mão de obra era maior nas propriedades de homens solteiros do que nas de homens casados. As tarefas do lar nestas propriedades de solteiros costumam ser realizadas por vizinhas contratadas para tal. Os solteirões costumam frequentar bailes no lugar onde viviam, embora considerassem estes monótonos por terem poucas mulheres solteiras, e estas preferirem homens mais jovens. Nas propriedades de solteiros em que também residiam suas irmãs, elas realizavam o papel feminino que corresponderia à esposa no âmbito do trabalho, realizando as tarefas domésticas, e produzindo alimentos para a subsistência. A reprodução social nos estabelecimentos familiares de solteirões está comprometida por falta de sucessores, já que eles não tiveram filhos, e que seus familiares, que provavelmente herdarão as propriedades como irmãos e sobrinhos, não trabalhavam na agricultura (LOPES, 2006).

Apenas recentemente o celibato masculino começa a ser percebido não somente como uma estratégia de reprodução, mas também como um problema enfrentado pela família rural, pois a seletividade do processo migratório passa a colocar em questão as perspectivas de reprodução das unidades de produção familiar na agricultura, tanto no aspecto das atividades passíveis de execução com a limitação do tamanho da família (reprodução no curto prazo) e principalmente das tarefas desenvolvidas pelas mulheres/esposas, como na perspectiva da falta de um sucessor que possa dar continuidade à agricultura familiar (reprodução no longo prazo) (Lopes, 2006, p.27).

Estes resultados oferecem uma contribuição importante para entender o celibato rural. Além de focar na questão sucessória, na linha interpretativa de Champagne (1986), a autora inova ao fazer um estudo onde compara as unidades produtivas dirigidas por solteirões com outras dirigidas por homens casados. Os impactos da ausência da mulher nas propriedades dirigidas por solteirões e as

observações a cerca do papel das suas irmãs também são aspectos interessantes que contemplam questões de gênero.

Outro ponto que merece destaque neste estudo é a forma com que os solteirões interpretam o celibato. Os homens não justificavam de forma objetiva o fato de permanecerem solteiros. Eles mencionavam que com o passar do tempo não casaram, e quando eram jovens e moravam com pais este assunto não os preocupava. Entretanto com o tempo, sensações de solidão e arrependimento apareceram. De forma similar aos solteirões de Alegrete, como veremos na sequência, os entrevistados desta realidade consideram negativa a solidão sentida, e a perspectiva de não ter esposa e filhos para ampará-los na velhice. A solidão, ou a falta de uma família, é sentida no momento de tomar chimarrão, da mesma forma que acontece em Alegrete. O ato de tomar chimarrão carrega um sentido de sociabilidade entre os membros da família, e entre moradores da localidade, já que o chimarrão media as relações entre as pessoas. Neste sentido, os homens que viviam sozinhos em Putinga não costumam receber visitas. Assim, a ausência de mulheres na casa contribui para o isolamento social dos solteirões. Como pontos positivos, destacavam o fato de não ter responsabilidade com a família, podendo sair mais que os homens casados para se divertir (LOPES, 2006). Mais uma vez, o discurso se assemelha ao dos solteiros de Alegrete, ao exaltar a liberdade.

O celibato entre agricultores familiares de Alegrete é interpretado por Costa e Marin (2013). O artigo agrega aspectos históricos deste município às representações sociais dos solteirões a cerca do celibato, embora o faça de forma bastante simplificada. No espaço rural de Alegrete, onde a população é envelhecida e masculinizada, o celibato masculino encontrou condições propícias para se desenvolver. Ele foi favorecido em localidades distantes de centros urbanos, com a posse da terra concentrada, baixa densidade populacional, e, muitas vezes, infraestrutura deficitária. Nessas localidades onde se concentra um percentual representativo de solteirões, a pecuária de corte é a principal atividade, sendo que os trabalhos relacionados a ela são considerados masculinos. O trabalho produtivo da mulher é invisibilizado neste contexto, o que contribui com o intenso êxodo das jovens. Os agricultores familiares solteirões costumam estar em minifúndios, sendo comum a necessidade de prestação de serviço fora da propriedade para sua manutenção (COSTA; MARIN, 2013). É interessante observar a condição social predominante dos solteirões, pois, em consonância com o que afirmam Woortmann e Woortmann (1990), alguns grupos são desprestigiados como possíveis companheiros. Nesta realidade,

características estruturais, como a concentração fundiária e o papel socialmente delegado à mulher, favorecem o celibato, embora não sejam os únicos responsáveis pelo fenômeno.

As representações dos homens a cerca do celibato exprimem uma mescla de sentimentos, que vai desde uma sensação de liberdade, muito prestigiada, até uma sensação de solidão, onde a falta de uma companheira é sentida. Eles demonstram um forte apego à vida na campanha e ao gauchismo. Assim, condições locais adversas ao encontro de uma companheira, o apego dos homens ao seu modo de vida, e a significação do celibato como liberdade, ideia importante na cultura local, mesclam-se favorecendo este fenômeno social (COSTA; MARIN, 2013). Existiria, então, um habitus de camponês que se mantém arraigado entre os homens solteirões, favorecendo a sua permanência no espaço rural, entretanto ele estaria se enfraquecendo entre as mulheres das mesmas gerações, que após as mudanças sociais das últimas décadas, optam mais pela vida urbana (COSTA; MARIN, 2013). Mais uma vez, a influência bourdieusiana é clara no trabalho, que inclusive tenta dialogar com a noção de habitus de Pierre Bourdieu.

As noções de liberdade e de solidão são trabalhadas por Leal (1992) no âmbito do gauchismo. Esta abordagem relaciona com a masculinidade gaúcha estas duas noções que são centrais nas representações sociais dos solteirões sobre o celibato (LOPES, 2006; COSTA; MARIN, 2013). A valorização da liberdade é um dos rasgos da masculinidade no gauchismo. A mulher seria percebida pelo gaúcho<sup>1</sup> como laço que sufoca. Assim, porque não tem condições de ter estes laços, e criar uma simbologia para justificar esta impossibilidade, ou porque não querer tê-los, o gaúcho evitaria laços, estes representados por mulher e filhos. Já em relação à solidão, Leal (1992) relaciona os altos índices de suicídio na região de fronteira do Brasil com o Uruguai à solidão sentida por peões idosos, homens solteirões ou casados sem filhos. O sentido da vida e a masculinidade para estes homens estariam relacionados ao trabalho campeiro. Quando se sentem incapazes de realizar as tarefas, e percebem sua autonomia ameaçada em função do avanço da idade, alguns destes homens entram em crise existencial e se matam, geralmente enforcados no campo.

A tese de Piccin (2012) ao estudar a realidade de São Gabriel/RS, também traz elementos interessantes sobre a vida do peão de estancia solteiro, embora não seja um trabalho específico

---

<sup>1</sup> Gaúcho é utilizado por Leal (1992) em referencia ao homem rural do pampa que trabalha na pecuária de corte.

sobre o celibato, da mesma forma que o de Leal (1992). Nas estâncias haveria uma preferência pelo homem solteiro como trabalhador permanente para os trabalhos de cunho produtivo, contratando o trabalho de mulheres nas tarefas domésticas. O autor relata as condições degradantes de trabalho destes peões solteiros há algumas décadas atrás. Situação similar é descrita por Leal (1989) no contexto de fronteira entre Brasil, Uruguai e Argentina.

As decisões dos patrões impactavam sobre as expectativas de vida dos peões solteiros (PICCIN, 2012). Entre os trabalhadores que iniciavam jovens na estância haveria uma concorrência pelo recebimento de uma casa do patrão quando atingisse certa idade, o que possibilitaria viver com uma companheira. Entretanto, alguns patrões que não tinham problema de mão de obra, não concediam espaços para constituição de novas famílias em suas propriedades. Buscando a autorização para ter uma casa e uma família no interior de outras estâncias e não encontrando, a solução mais barata para estes peões seria a resignação mental à condição de solteiros, aceitando-a. Para o patrão também seria mais barato, já que o peão solteiro morava e se alimentava no galpão, sendo necessário um desembolso menor para a manutenção de uma pessoa do que para a manutenção de uma família (PICCIN, 2012). O autor explica a solteirice dos peões de estância que são filhos de agricultores familiares de São Gabriel a partir da relação de dominação inerente à economia estanceira. A família camponesa, como chama, teria suas condições de vida mantida em um nível que não possa garantir a reprodução social de parte de seus filhos no campesinato. Desta forma garante-se mão de obra para as estâncias.

Esta interessante abordagem inova ao explicar o celibato de peões a partir das relações de dominação entre patrão e peão, e entre estanceiros e camponeses, embora estes fatores estruturais trabalhados não sejam os únicos que colaboram com o celibato. Contesta-se a posição do autor de colocar o trabalho como peão solteiro em estâncias como única alternativa para alguns dos filhos de camponeses: “Na condição de *peão* (ou *capataz*) solteiro, garantir a própria subsistência na estância se traduz como a única alternativa (...)” (PICCIN, 2012, p.262). Existem outras opções além do trabalho na estância, entende-se que algumas condições objetivas de vida e construções sociais acabam dificultando algumas alternativas, e potencializando outras, entretanto é preciso reconhecer que existe a possibilidade de escolha.

## 5. SOLTEIRÕES EM SANTA CATARINA

Todos os estudos encontrados que são relacionados ao celibato rural masculino em Santa Catarina trabalham a realidade da agricultura familiar na Região Oeste do Estado. O fenômeno é trabalhado como uma das recentes transformações sociais na região por Mello (2006). Além do celibato, o autor destaca a migração feminina e o problema na sucessão das unidades produtivas. O estudo é um dos resultados de várias investigações sobre estas temáticas realizadas no âmbito da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (EPAGRI), importante apoio institucional para a pesquisa nesta área. Estas transformações sociais que seriam recentes no contexto da região são interpretadas como resultados da crise produzida pelo modelo de desenvolvimento vigente, que preza pela “inserção ao mercado através da articulação agroindustrial e a produção de commodities” (MELLO, 2006, p.01).

Conforme Mello (2006), a Região Oeste de SC passou por um momento de crise na agricultura familiar que conduziu a uma situação de envelhecimento populacional, esvaziamento de algumas localidades e empobrecimento da população rural. A crise socioeconômica e ambiental provocou mudanças e precarização nas relações sociais e econômicas. Aconteceu uma “ruptura” na forma com que era realizada a sucessão dos estabelecimentos a partir de 1970, com a abertura do espaço social e econômico (MELLO, 2006). O celibato se disseminou entre os homens rurais neste contexto, como pode ser observado nesta passagem:

Na pesquisa em andamento realizada em 2005 em 20 comunidades de diferentes municípios da região, muitos agricultores entrevistados tinham dificuldades para lembrar quanto tempo não ocorria casamento na comunidade em que os casais se instalaram como agricultores. Ainda invisível para a maioria da população e tratada apenas de forma velada pelos agricultores, o fenômeno do celibato masculino no meio rural, que já foi relatado por Bourdieu (1962) para as condições da Europa, começa a se fazer presente na região e, parece estar relacionado ao atual quadro de crise vivido pela agricultura familiar do Oeste Catarinense (MELLO, 2006, p.06).

O forte êxodo rural de moças na região também é explicado por uma questão identitária, com influencia da escola. A nucleação do ensino é vista por centenas de agricultores que participaram das pesquisas da EPAGRI com um dos fatores que agravam o problema. Ela provocaria o afastamento dos estudantes do rural, o que juntamente com os conteúdos voltados à realidade urbana, promoveria a desvalorização dos saberes familiares e do espaço rural. Esta desvalorização, por sua vez favoreceria a negação da identidade de agricultor. Este processo é interpretado como violência simbólica pelo autor.

O artigo com influencia bourdieusiana trabalha o celibato atentando para a sua relação com a sucessão nos estabelecimentos agropecuários familiares, de forma semelhante à de Lopes (2006). As explicações para o fenômeno são a influencia das mudanças socioeconômicas vivenciadas na região nas últimas décadas sobre o habitus camponês, entendendo que ser colono passa a ser um estigma. O autor percebe duas chaves analíticas centrais nos estudos de Pierre Bourdieu para a compreensão do celibato, a subordinação econômica camponesa ao mercado e a unificação dos mercados dos bens econômicos e simbólicos.

O estudo de Strapasolas (2004), também aborda o celibato, embora o faça ao avesso, ao tratar da importância do casamento na agricultura familiar na Cidade do Ouro. Este artigo aborda especificadamente as redefinições a cerca do significado do casamento. As entrevistas com jovens rurais apontam para a redefinição dos conceitos de casamento e de família, o que repercute em mudanças nos projetos de vida. O casamento passa a ser questionado por grande parte das moças que não concordam com o papel atribuído à mulher na agricultura familiar. Esta mudança influencia na escolha feminina pela vida e casamento urbano, e impacta sobre o mercado matrimonial, prejudicando os rapazes rurais que tem mais dificuldades para encontrar esposas (STRAPASOLAS, 2004). Aqui, como em Mello (2006), as questões identitárias são trabalhadas para explicar o êxodo das jovens rurais, relacionado ao celibato masculino.

Cabe ainda mencionar a existência de um documentário interessantíssimo sobre o assunto, de Vitorino e Goldschmidt, s/d, "Celibato no Campo", gravado na Região Oeste. Aborda-se o celibato rural masculino como um novo fenômeno social na agricultura familiar da região, provocado pela intensificação da migração feminina. São utilizadas histórias reais de moças que migram para a cidade em busca de estudo e não retornam, e de homens rurais que permanecem solteiros. As histórias dos solteiros

mostram a rotina diária e o desejo de formar família. Também se mostra a relação de proximidade destes homens com a família, bem como o seu apego à vida rural. Os testemunhos reais de solteirões, seus familiares e moças de origem rural fazem do documentário uma boa fonte de informações sobre o celibato na região.

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Existe um percentual representativo de solteirões no espaço rural de RS e de SC. Este é o cenário para quase todos os estudos sobre o celibato rural no Brasil. A maioria de trabalhos são sobre diferentes realidades do RS, lugares de colonização italiana e alemã, região metropolitana, centro do Estado, ou Vale do Taquari. Também existem trabalhos sobre a região pampeana, Alegrete, São Gabriel e Uruguaiana. Já os estudos em Santa Catarina estão concentrados sobre a Região Oeste, onde a população é bastante masculinizada (MELLO, 2006). As especificidades de cada contexto e dos grupos sociais investigados, agricultores familiares ou peões de fazenda, juntamente com os diferentes enfoques teóricos utilizados, possibilitaram uma pluralidade de observações sobre o fenômeno.

Uma vasta gama de explicações para o celibato masculino é dada pelos autores, que vão deste o âmbito estrutural até o da agência. Muitos estudos remetem à explicação bourdeusiana, relacionada à questão da unificação do mercado dos bens simbólicos e da abertura objetiva e subjetiva do espaço rural nas últimas décadas, o que teria causado mudanças no habitus camponês, responsável pela seletividade feminina e jovem do êxodo rural, e pelo celibato masculino. No amplo leque das causas do fenômeno são apontados aspectos mercadológicos, processo de modernização agrícola, características do sistema educacional, dificuldade de acesso aos meios produtivos, perfil desejado de trabalhador nas fazendas, questões de gênero e questões identitárias.

É preciso atentar para o fato que o êxodo seletivo de mulheres, que provoca a masculinização rural, tem forte influência sobre o celibato de homens, mas não é a única explicação para ele. Desta forma, sugere-se que os pesquisadores desta temática dediquem mais atenção a questões como:

a) Dificuldades de acesso à terra para o trabalho da família na agricultura familiar – Esta questão é importante principalmente em algumas realidades distantes de centros urbanos onde atividades não agrícolas não estão muito estabelecidas. Também precisa se considerar o fato de que a prestação de serviços esporádica ou o trabalho formal em outras unidades agropecuárias costuma ser



considerado trabalho masculino, principalmente na atividade pecuária de corte.

b) Representações dos homens sobre liberdade e questões de gênero nos diferentes contextos - É preciso dispensar mais atenção às características da masculinidade em cada lugar, e suas relações com o “ser solteiro”.

c) Preferência de alguns grupos sociais para o casamento, em desconsideração a outros – É importante entender se há perfis de companheiros preferidos e relegados em cada contexto.

d) Estratégias familiares – Precisa-se entender como o papel atribuído pela família ao homem no cuidado dos pais idosos e no atendimento das atividades agropecuárias na propriedade interfere na condição de solteiro.

e) Homossexualidade – Alguns dos casos de celibato não se devem ao fato de que os homens são homossexuais, e não querem uma companheira?

No Sul do Brasil, uma das formas de se entender o celibato rural masculino é como consequência de uma crise de reprodução socioeconômica da agricultura familiar. Ao mesmo tempo, a intensificação deste fenômeno prejudica diretamente a sucessão dos estabelecimentos rurais, agravando a crise. A situação no futuro tende a se agravar em algumas regiões, como relata Mello (2006) em relação à Região Oeste de SC. O desequilíbrio demográfico seria recente na região, e as consequências seriam mais fortes quando um maior número de homens solteiros assumisse a unidade produtiva da família.

Seja resultado de decisão individual, ou da determinação de condições estruturais, ou de ambos, o celibato masculino é realidade no espaço rural do sul do Brasil, os solteirões estão presentes aí em número significativo. Eles não podem ser invisibilizados, pelo contrário, devem ter suas condições de vida consideradas pelos promotores do desenvolvimento rural nesta realidade, os extensionistas rurais precisam atentar para esta questão.

## 7. REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

ABRAMOVAY, R. Uma nova extensão para a agricultura familiar. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL, 1997, Brasília. **Anais...** Seminário Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural. Brasília: PNUD, 1997. 222p.

FANTOVA, J. M.; ROGER, L. **Plan**: tal como fue. Primera Fiesta de los Solteros de Plan, Vale de Gistau. Cosas de Arfagón n. 1. Zaragoza: Edizions de L'Astral, 1989.

BERCOVICH, A. Características regionais da população idosa no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**, v. 10, n. 1/2, p. 127, Jan./dez.1993.

BODOQUE, Y. P. Hombres sin mujeres. La búsqueda de la reproducción de la sociedad a través de la mirada de la ficción social. Granada: **Gazeta de Antropología**. N° 25, 2009, artículo 47. Acessado em 01/06/2012. Disponível em: <[http://www.ugr.es/~pwlac/G25\\_47Yolanda\\_Bodoque\\_Puerta.html](http://www.ugr.es/~pwlac/G25_47Yolanda_Bodoque_Puerta.html)>.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Beltrand Brasil, 2002.

BOURDIEU, P. **El baile de los solteros**. Barcelona: Anagrama, 2004. Título da edição original: Le bal del célibataires. Paris: Éditions du Seuil, 2002.

BRUMER, A. Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.12, n.1, p.205-227, jan-abr. 2004.

BUTO, A.; HORA, K. M. R. **Mulheres e reforma agrária no Brasil**. In: LOPES, A. L.; BUTTO, A. (Org.). Mulheres na reforma agrária: a experiência recente do Brasil. Brasília: MDA, 2008, p.19 a 38.

CAMARANO, A. A.; ABRAMOVAY, R. **Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil**: panorama dos últimos 50 anos. Rio de Janeiro: IPEA, 1999. 28p. Acessado em 13/01/2012. Disponível em: <[http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/td\\_0621.pdf](http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/td_0621.pdf)>.

CAMARERO, L. et al. **La población rural de España**: de los desequilibrios a la sostenibilidad social. Barcelona: Fundación La Caixa, 2009.

CHAMBERS, R. e CONWAY, G. R. **Sustainable Rural Livelihoods: practical concepts for the 21st century**. Institute of development studies: Discussion Paper n° 296, 1992.

CHAMPAGNE, P. **Ampliação do espaço social e crise da identidade camponesa.** Texto não publicado traduzido por Sonia Guimarães Taborda, com revisão de Anita Brumer. Texto original: Elargissement de l'espace social et crise de l'identité paysanne. Cahiers d'économie et sociologie rurales, nº 3, décembre 1986, p. 73-89.

CMMAD - COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. **Nosso futuro comum.** Nova York: ONU, 1987.

COSTA, C. **Masculinização da população rural no Rio Grande do Sul:** análise a partir dos sistemas agrários. 2010. 115f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Programa de Pós-graduação em Extensão Rural, Universidade Federal de Santa Maria.

COSTA, C.; MARIN, J. O. B. Hombres solteros en la agricultura familiar: una mirada sobre la realidad del municipio de Alegrete, en el Sur del Brasil. In: XXI Congreso Español de Sociología. 2013. Madrid. **Anais...**Madrid: Federación Española de Sociología, 2013, p.01-21. Acessado em 18/08/2013. Disponível em:< <http://www.fes-web.org/congresos/11/ponencias/1058/>>.

COSTA, M. R. C. **Agricultura familiar e sucessão hereditária:** estudo de caso no município de Morro Redondo, RS. 2006. 108 p. Dissertação (Programa de Pós Graduação em Agronomia) – Universidade Federal de Pelotas.

CRUZ SOUZA, F. **Género, psicología y desarrollo rural:** la construcción de nuevas identidades. Madrid: Ministerio de Agricultura, Pesca y Alimentación, 2006.

DELGADO, G. C. Expansão e modernização do setor agropecuário no pós-guerra: um estudo da reflexão agrária. **Estudos Avançados**, v.15, n. 43, 2001.

DÍAZ MENDÉZ, C.; DÍAS, M. D. **Familia, trabajo y territorio:** tres enclaves sociales dinámicos para la integración de las jóvenes en una sociedad rural difusa. Madrid: Ministerio de Agricultura, pesca y alimentación, 2006.

**FLORES DE OUTRO MUNDO.** Filme de Icíar Bollaín, 1999. Acessado em 18/08/2013. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=HwRzXsrlS2M>>.

GARCÍA SANZ, B. **Ruralidad emergente:** posibilidades y retos. Madrí: Ministerio de Medio Ambiente y Medio Rural y Marino, 2011. Acessado em 10/06/2012. Disponível em <[http://www.magrama.gob.es/es/ministerio/servicios-generales/publicaciones/libro\\_Ruralidad.\\_primeras\\_p%C3%A1ginas\\_tcm7-203221.pdf](http://www.magrama.gob.es/es/ministerio/servicios-generales/publicaciones/libro_Ruralidad._primeras_p%C3%A1ginas_tcm7-203221.pdf)>.

GIRON, L. **Dominação e subordinação:** mulher e trabalho na pequena propriedade. Porto Alegre: Ed. Suliane Letra e Vida, 2008.

GOLDANI, A. M. **Mulheres e envelhecimento:** desafios para novos contratos intergeracionais e de gênero. In: CAMARANO, A. A. (Org.). Muito além dos sessenta: os novos idosos brasileiros. Rio de Janeiro: IPEA, 1999. p. 75-114.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2010.** Acessado em 14/06/2012. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/cd/cd2010universo.asp?o=5&i=P>>. JARDINY, M. L. T. Evolução da população do Rio Grande do Sul. Documentos FEE In: ACCURSO, J. S. (Coord.) **O Rio Grande do Sul e sua população.** Porto Alegre: n. 51, out. 2002, p. 57-88.

LEAL, O. F. **Honra, morte e masculinidade na cultura gaúcha.** In: ORO, Ari Pedro; TEIXEIRA, Sérgio Alves (coord.). Brasil & França: ensaios de antropologia social. Porto Alegre: Ed. Da Universidade/UFRGS, 1992, p. 141 a 150.

LEAL, O. F. Os causos de galpão: circulação de identidades entre gaúchos na fronteira Brazil, Uruguai e Argentina. **Anais...** Encontro Nacional da ANPOCS, 1989.

LÉVI-STRAUSS, C. “Natureza e cultura” e “O princípio de reciprocidade” In **As estruturas elementares do parentesco.** Tradução de Mariano Ferreira. Petrópolis: Vozes, 1982.

MAGALHÃES, R. S. A “masculinização” da produção de leite. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, Brasília, v.47, n.1, jan.-mar. 2009, p.275-299.

MARIN, J. O. B. Homens solteiros na agricultura familiar. In:

TERCEIRO ENCONTRO DA REDE DE ESTUDOS RURAIS, 2008, Campina Grande. **Anais...** Campina Grande: Rede de Estudos Rurais, 2008, p. 01-16.

MELLO, M. A. Transformações sociais recentes no espaço rural do Oeste de Santa Catarina: migração, sucessão e celibato. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL, 44, 2006, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural, 2006, p. 01-18.

MENDELZWEIG, M. D. Mulher completa, meio mulher, menina de idade: representações de feminilidade e filiação em um siciliano agroville. **Ethnographiques.org**, n.º 03, abril 2003.

PANZUTTI, N. P. M. **Mulher rural**: eminência oculta. Campinas: Alínea, 2006. v. 1.

PAULILO, M. I. S. Trabalho familiar: uma categoria esquecida de análise. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.12, n. 01, jan.-abr. 2004, p.229-252.

RODRIGUES. L. L. **O avesso do casamento**: uma leitura antropológica do celibato entre camponeses ítalo e teuto-capixabas. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-graduação em Antropologia, Universidade de Brasília.

SACHS, I. **Desenvolvimento includente, sustentável, sustentado**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

SAMPEDRO GALLEGU, R. **Género y ruralidad**: las mujeres ante el reto de la desagrarización. Madrid: Ministerio de Trabajo y Asuntos Sociales – Instituto de la Mujer, 1996.

SAMPEDRO GALLEGU, R. El asentamiento de inmigrantes extranjeros en el medio rural de Castilla y León: pautas territoriales y lógicas sociales. In: XXI Congreso Español de Sociología. 2013. Madrid. **Anais...**Madrid: Federación Española de Sociología, 2013, p.01-21. Acessado em 18/08/2013. Disponível em:<<http://www.fes-web.org/congresos/11/ponencias/922/>>.

SILVESTRO, M. L. et al. **Os impasses sociais da sucessão hereditária na agricultura familiar**. Brasília: NEAD/EPAGRI, 2001.

SIQUEIRA, L. H. S. **As perspectivas de inserção dos jovens rurais na unidade de produção familiar**. 2004. 125p. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

SPANVELLO, R. M. **A dinâmica sucessória na agricultura familiar**. 2008. 236 p. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

STRAPASOLAS, V. L. **O mundo rural no horizonte dos jovens**. Editora UFSC. Florianópolis: 2006.

STRAPASOLAS, V. L. O valor do casamento na agricultura familiar. Rio de Janeiro: **Revista Estudos Feministas**, jan-abr., Ano, Vol. 12, Núm. 001, 2004.

VITORINO, C.; GOLDSCHIMIDT, I. **Celibato no campo**. s/d. Documentário. Margot e Secretaria Estadual de Turismo, cultura e Esporte de Santa Catarina.

WOORTMANN, K.; WOORTMANN, E. F. **Amor e celibato no universo camponês**. Textos NEPO 17. Campinas: NEPO: UNICAMP, 1990.